

presença



Fundação Cuidar o Futuro



presença

ABRIL DE 1959

Redacção: Av. Duque de Loulé, 190, r/c D.
LISBOA

EDITADA PELA J. U. C. F.
FILIADA NA PAX ROMANA

sumário



Fundação Cuidar o Futuro

meditação sobre a alegria

Natália Hasse Fernandes

o turismo, caminho para Deus

Eduarda Cruzeiro

a igreja e a comunidade supra-
nacional

D. M.

notas de uma viagem à Polónia

Maria Luíza Val do Rio

9, rue de Namur

Suzana Gaspar de Almeida

primavera, em Thomas Merton

Natália Hasse Fernandes

como ler a bíblia

Mre. Gabriel Marie O. S. B.

problemas de quem ensina

G. Rouault

Helena Elvas

um autor de hoje: Alan Paton

T. S. C.

25 anos de Acção Católica

ver para pensar

futilidade

o desastre da muralha

D. Fernando

ficheiro bibliográfico

meditação sobre a alegria



A Alegria é rara. A Alegria é difícil. Modesta numa vida modesta, numa consciência tranquila e em meia dúzia de consolações naturais, razoáveis e sensatas. Porque não existe completa no humano. Só existe no humano cristão. Mas também não pensemos que o cristão inserido no mundo, no humano, no transitório, continuamente obrigado a milagrosos equilíbrios para continuar cristão no meio de tão diversos compromissos, não pensemos que ele tem garantida, a troco de uma intenção geral de sobrenaturalizar o humano, a posse da verdadeira Alegria. O humano faz-se pagar bem caro. E em vez dela, em muitos momentos, ele possui antes uma tristeza pequenina, infeliz esplendor do humano e seus limites. Não tenhamos critérios simplistas neste capítulo da Alegria cristã. Ela existe em nós enquanto cristãos, sim, mas nós é que somos muitas vezes apenas humanos.

A alegria perfeita é rara precisamente porque é difícil. Supõe uma superação completa da ânsia natural de Prazer, que se lhe opõe. E o prazer pode ser não só de ordem física mas também de ordem intelectual, e até de ordem religiosa.

A Alegria provém da realização da vontade de Deus (e não da nossa), na nossa vida e na dos que nos rodeiam. Implica portanto um esforço de ascese, um lançar-mo-nos na aventura da caridade. Na prática, supõe uma aceitação do que nós somos — as circunstâncias da nossa vida que não está na nossa mão modificar, alguns traços fisionómicos que não são o nosso ideal, certas características temperamentais que bem desejaríamos trocar por outras. Tudo é vontade de Deus e sem a sua aceitação não teremos a Alegria.

A Alegria é simples. Simples demais para nós que vivemos complicadamente sobre a complexa teia do nosso querer cruzado como o nosso não querer, do nosso desejo de corresponder a Deus cruzado com o nosso terrível receio de morreremos para nós próprios.

E então?

Admitamos que estamos longe da Alegria. Mas acreditemos também que a Alegria está perto de nós. O Senhor Jesus Cristo, que ama poderosamente, para além de toda a medida, o limite e a fragilidade que nós somos, está sempre a nosso lado.

Esforcemo-nos por viver mais de Deus do que do mundo, mais da Alegria da Ressurreição do que do esplendor de um belo Domingo de Páscoa, mais da beleza do ritmo litúrgico do que da consolação de certa música suave que nos embale, mais da confiança no interesse do Senhor por nós, do que da ânsia de procurarmos o amor das criaturas.

E então possuiremos a Alegria. Melhor, a Alegria possuir-nos-á.

Encaremos hoje a nossa fragilidade e pobreza (frutos, até certo ponto, dos nossos erros de ontem) como uma realidade a ter em conta e, se mais não pudermos, recebamos humildemente, diante de Deus, a alegria que nos oferece a ordem natural. Mas não deixemos de pedir ao Senhor que criou esta para nos servir, que nos ajude a superá-la. Para sermos todos felizes com Ele, na Verdade do seu Amor, pelos séculos dos séculos sem fim.

NATÁLIA HASSE FERNANDES



O Turismo caminho para Deus



É um facto dos nossos dias o enorme surto turístico.

Se consultarmos as estatísticas dos últimos anos, verificamos que as deslocações se multiplicam e aumenta num ritmo aceleradíssimo o número dos que viajam.

Tal fenómeno vem ligado a factores de toda a ordem.

Por um lado a normalização da situação internacional veio reabrir fronteiras, permitindo de novo condições de segurança.

Por outro lado o turismo tem-se desenvolvido a par do aperfeiçoamento e generalização dos meios de comunicação. Multiplicam-se os veículos motorizados, a circulação ferroviária intensifica-se, os caminhos aéreos tornam-se acessíveis.

Outro factor parece ainda importante. O nosso tempo parece destinado a ser o tempo dos lazeres. Há toda uma tendência para concentrar os fazeres num espaço mais reduzido. A semana de trabalho está já, em alguns países, reduzida a 4 dias úteis. O turismo surge assim, a par do cinema, da televisão, da leitura ou da música como uma forma de ocupar estes tempos.

Tal como o cinema ou a rádio, o turismo contém em potência uma série impossível de determinar, de capacidades educativas e culturais.

Porém, tal como o cinema ou a rádio, as suas capacidades são susceptíveis da mais total frustração.

Se por um lado é claramente vantajoso que o turismo se vá abrindo pouco a pouco a todas as classes, que o turismo de luxo vá cedendo terreno ao turismo de massa, é verdade, que, por outro lado, a forma como se faz esta evolução, tende a limitar as suas possibilidades enriquecedoras. Aquela atitude de abertura e de curiosidade de espírito, que deve ser a de quem viaja com o desejo real de descobrir o mundo, de entender e penetrar nas almas das paisagens e no viver dos povos, é facilmente diminuída pelo facto de se ser conduzido. Tal o perigo das viagens colectivas.

O facto de ser guiado pode levar alguns a tomarem uma atitude passiva, nada descobrindo por

si próprios, nada encontrando, portanto, da originalidade de cada ser e de cada coisa, porque tal só é possível quando há um esforço consciente de sair de si mesmo para ir ao encontro do objecto. Há assim o perigo de não se ir além duma visão superficial e tantas vezes falsa do que é uma nação e um povo.

Não ficaremos no entanto na não realização das potencialidades do turismo. Referimo-la como um risco do turismo em grupo, que existe também para qualquer outra forma de viajar, uma vez que tudo depende em última análise da atitude pessoal.

Parece, pois importante, explorar agora o fenómeno do turismo noutro sentido, isto é, ver como, sendo um factor de cultura, ele se revela também com uma espiritualidade própria, que pode caminhar a par da vida interior de cada um. Sendo um fenómeno social, constitui, de facto, uma oportunidade excelente de aprofundar as relações e a compreensão entre os homens.

Ao abordar o problema do turismo é bom portanto que não nos apeguemos exclusivamente à análise dos lados sombrios e procuremos antes ordenar, transformar e aproveitar as vantagens que oferece este fenómeno crescente de viagens, excursões, etc.

Da própria natureza das viagens, é possível retirar elementos que constituem ordenadamente um caminho de vida interior.

Viajar é, antes de mais, percorrer um caminho e aqui já encontramos semelhança com o nosso destino e vocação de homens. Mas, para que um caminho seja fecundo na ordem espiritual, é preciso que seja orientado e vivido em linha autenticamente ascética. Vejamos como.

Viajar implica logo de início um esforço de renúncia. Dizia SS. Pio XII em 1952:

«Abandonar por algum tempo, muito ou pouco, a sua própria casa, as suas ocupações diárias, as suas próprias relações; partir, senão à aventura, pelo menos através de uma quantidade de acontecimentos imprevisíveis; submeter-se alegre ou dolorosamente às grandes como às pequenas contrarie-

dades que é difícil evitar, mesmo no turismo mais bem organizado».

Há pois um primeiro esforço de abandono, de desinstalação. Depois cria-se em viagem uma psicologia em que é vivo o sentido do transitório e do mínimo necessário. Experimentamo-lo mais agudamente, quando, por contraste, encontramos o conforto e o repouso, após uma longa viagem. Nesses momentos de descanso depois do esforço, de súbito cresce dentro de nós a consciência de que somos peregrinos neste mundo, verdadeiro povo que caminha inseguro e inquieto.

Mas o esforço de renúncia e desprendimento pode levar-se ainda mais longe, até ter parte na própria pobreza do Senhor. O frio e o calor, a sede e o sono, o desconforto das carruagens demasiado cheias dos comboios, tudo é preciso aceitar sorrindo e oferecendo. Este desprendimento dos bens da terra conduzir-nos-á ainda à simples humildade. «Le touriste sera humble pour rechercher le logement, humble pour l'accepter tel qu'il est et quand la fatigue aura fait tomber tous les masques, il restera humble em voyant ses lacunes mises à jour; il s'abandonera à la Providence. Il se fera petit e humble et adorera le Seigneur».

Pobreza e humildade, duas virtudes que quem viaja encontra pelo caminho. Não que elas estejam já diante dos nossos olhos. Estão porém de verdade, em todo o lado sob a aparência das coisas e acontecimentos mais diversos, vivas e preciso querer e saber descobri-las.

Se o turismo pode ser caminho para Deus, através do esforço de perfeição que se faz dentro de cada um, é também caminho para Deus na medida em que nos faz crescer na Caridade, pelo encontro com os outros.

Creio que este, é do pontos mais importantes.

Se viajar (como factor de cultura), nos abre perspectivas mais amplas na visão do mundo, nos cria disponibilidades maiores para uma mais perfeita contemplação da natureza, é no contacto com os outros homens de mentalidades e culturas diferentes que encontramos o meio mais rico de possibilidades. (Vamos pela Caridade, através dos outros homens até Deus).

Na variedade tão rica dos povos, no carácter único e diferenciado de cada pessoa, encontraremos a unidade de Deus na criação.

Olhar assim os outros exige Amor, porque para os considerar nas suas qualidades próprias é preciso renunciar às pré-noções deformadoras.

Se eu procurar num país apenas aquilo que em dois escritos me deram a conhecer, arrisco-me a encontrar partes ou tendências de um povo, sem se dar o encontro de pessoa a pessoa.

Se estiver obcecado pela ideia de ir encontrar em cada francês um literato ou pelo menos um «bon parleur» nunca chegarei à realidade humana dos simples que viajam nos autocarros e no metro.

Se eu pensar na Alemanha apenas como um país de técnica avançada e povo de duro temperamento, estou fechando os olhos a manifestações de sensibilidade artística; de finura de espírito.

Será preciso, podemos reflecti-lo com o Cardenal Lercaro: «que o turista vá de boa vontade, com toda a confiança e com o amor de um irmão que procura os seus irmãos, sem nada renegar da sua raça, da sua cultura, da sua fé».

O S. Padre Pio XII concluiu assim também «Deste modo chegar-se-á então a julgar com mais justiça, mais indulgência e mais bondade. Descobrir-se-ão as próprias lacunas e as próprias virtudes no contacto com as qualidades dos outros».

É pois a Caridade que procura o outro na sua verdade e que se dá também sem se rebuscar. É uma troca — dá-se e recebe-se e o potencial misteriosamente aumenta dos dois lados.

Não se pense, no entanto, que isto seja assim, por si mesmo.

Supõe, na base, uma consciência internacional, um sentido universal.

Não nos referiremos agora em pormenor ao cuidado de que deve ser objecto desde a infância, a educação destas qualidades. Para ela, contribuirá grandemente o estudo inteligente da história das civilizações, mais do que a enumeração fastidiosa de tratados e constituições; o estudo vivo da geografia; as literaturas e a língua.

Mas, numa análise levada mais longe, vemos que o que dá fundamentalmente consistência ao sentido do universal para o cristão, é a consciência de sermos todos membros de um mesmo Corpo. É tantas vezes acontece que a comunhão de irmãos se fixa demasiado no domínio íntimo, místico. Vive na oração, mas não chega a manifestar-se como realidade social.

É que não basta aderir individualmente à cabeça da Igreja. É preciso para além disso que nos sintamos solidários com os outros católicos, nossos irmãos, que nos associemos, que nos unamos a eles directamente.

Se, para todos, viajar, pode ser um meio seguro de aproximação entre os homens, a procura de um entendimento recíproco, para os cristãos será, também, mais um meio de construir a unidade da Igreja, mais uma forma de viver, nos outros, o Amor do Pai.

EDUARDA CRUZEIRO



A Igreja e

Já lá vai o tempo em que o homem podia fantasiar, à maneira de Daniel Foe, vivências eremíticas de Robinson Crusoe, em ilhas desertas. A solitude, como estado de repouso ou num esforço tensorial de sublimação ascética, pode justificar-se. Como forma normal de vida, para a realização do destino humano no tempo, constituiria uma aberração comprometedora da natureza.

O homem é um ser social e só socialmente realizável, em plenitude. Essa realização reveste formas e dimensões diversas, consoante o momento histórico e estado evolutivo que se vive. Não foi idêntica nas grandes metrópoles das civilizações antigas: sumérica, babilónica, egípcia, helénica ou romana. Não atingiu o mesmo grau de intensidade na *polis* dourada de Atenas ou entre os pastores da Arcádia, junto ao Senado de Roma ou nas tribos germânicas do Elba, na amenidade florida dos climas mediterrâneos, nos geos póluos ou sob a canícula ardente dos trópicos. No estado complexo do mundo de hoje, pelo condicionamento económico-político dos grandes países ocidentais, pela densidade das massas humanas em causa, pela multiplicidade dos interesses a equacionar, ou pelas dimensões e repercussões da vida colectiva a construir, transpôs o limiar da família, da vizinhança, do bairro, da paróquia ou ainda da vila, da cidade e da região. Para além da profissão, galgou-se à classe e da classe subiu-se à comunidade pátria, para atingir coordenadas ecuménicas, e, sabe Deus, se até, qualquer dia, interplanetárias.

É curioso verificar esta antinomia. Quando a ciência moderna surge a proclamar, sob a influência de extremismos evolucionistas, a disparidade filogenética das raças humanas, dá-se, em sentido contrário, na consciência internacional, como explosão de rebeldia moral contra esse suposto biológico, uma afirmação categórica da necessidade e urgência de unificação, na solidariedade específica, como salvaguarda da sua sobrevivência histórica.

A solidariedade entre os homens que, até há pouco, se apreendia como um postulado prático de hegemonia nas comunidades nacionais, como nas civilizações primitivas o era do clan ou da tribo, não se restringe, agora, às pequenas nacionalidades, perante vizinhos mais fortes e temíveis, quer em tempo de guerra, quer em plena paz. Atinge, rapidamente, mesmo, os chamados grandes países, ou potências que se sentem cada vez mais pequenas e débeis perante a mole dos problemas que as assoberbam e só parecem resolúveis pelo caminho da cooperação não apenas internacional, mas intercontinental. De um objectivo puramente defensivo, na esfera política, este sentido de conservação entrou a assumir preocupações construtivas na ordem económica, social e cultural, ligando entre si, não só povos do mesmo sangue, língua e tradições, mas de condição racial ou módulos da civilização bem diversos. Com as mais recentes descobertas e facilidades de comunicação a vida parece tender a realizar-se em dimensões cósmicas.

Este alargamento da sociabilidade humana é um bem? É um mal?

Tudo depende das bases que se estabeleçam e do rumo que se lhes imprima. Porque, antes de mais nada, cumpre acentuá-lo, sem bases morais sólidas e indiscutíveis, o resultado poderá ser a despersonalização cada vez mais acentuada do homem, o que vale a dizer, o comprometimento dos seus valores fundamentais e, consequentemente, do seu destino essencial.

Toda a forma de vida social humana só se explica e justifica como elemento defensivo e perfectivo da personalidade. Isto implica, certamente, um conjunto de limitações de liberdade, o que só é admissível como resgate de uma equivalente ou superior compensação, em bens valorativos da pessoa que o aceita. A aceitação, porém, só é racionalmente exequível, quando assente em garantias morais, dadas pelos contratantes.

a comunidade supra-nacional



Não há possibilidades de verdadeira solidariedade humana, seja qual for a sua forma e extensão, à margem deste postulado.

É certo que nem todas as formas de solidariedade se revestem da mesma urgência e alcance. Há umas mais necessárias que outras. Há-as, até, susceptíveis de serem substituídas. A solidariedade paroquial ou regional pode ter tido, historicamente, e ter ainda, a sua razão de ser. Isto não quer dizer que qualquer delas se eternize. Uma profunda modificação no condicionamento social pode alterá-las ou, mesmo, atenuá-las.

Mas há outras formas basilares, inalteráveis em sua essência, sob pena de comprometer o próprio homem, na sua condição biológica e moral.

A sociedade familiar é forma básica necessária de solidariedade humana, como processo condigno de continuidade específica.

Para o estudo evolutivo do homem, a comunidade nacional persiste sendo uma forma de solidariedade insubstituível. Há um património colectivo de valores históricos, morais e culturais, económicos e políticos, de que as nações suficientemente evoluídas não podem abstrair, sob pena de comprometerem, não só a sua personalidade moral colectiva, mas a personalidade moral individual dos membros que as compõem e lhe estão subjacentes.

Quando a alienação se dá por imposição da força ou ainda por estado de carência, o resultado representa, sempre, uma forma regressiva de vivência humana. Quando se opera a reconstituição moral da personalidade comunitária e as circunstâncias o possibilitam, dá-se novo surto de afirmação colectiva. O anelo íntimo de personalização interpõe-se, então, ao esforço extrínseco de opressão.

Na situação presente do mundo, é inequivável a necessidade de acordarmos para novas dimensões de solidariedade, não só

internacional mas intercontinental e universal. São uma exigência do condicionamento histórico que vivemos e, até, do estado evolutivo da espécie.

Mas importa ter bem presentes alguns dados, para não sermos vítimas duma alienação ou de um logro, quer na ordem interna quer na ordem externa.

Há conceitos de solidariedade interna que se podem apresentar, hoje, como ultrapassados, porque as condições da vida administrativa, económica e social os transcenderam.

Na medida em que o aferrar-nos a eles fosse comprometer estérilmente interesses mais vitais e decisivos, tal atitude seria tão irracional, como o suicídio. Isolar-nos, fragmentar-nos, dispersar-nos para objectivos inoperantes ou frustes, à custa da solidariedade comunitária para as grandes realizações do bem comum na esfera cultural, económica e política, no alto sentido e alcance do termo; hostilizar-nos mutuamente por preocupações secundárias, quando o primário, o necessário, o insubstituível está em jogo, não é só insensato; passa a ser criminoso.

Perante os grandes problemas da integridade nacional, da promoção económica, da paz social e da liberdade religiosa, que significado podem ter as questões de classe, os privilégios de casta, as formas de governo, os interesses de grupo ou de raça?

A complexidade da vida económica, a exaltação da vida social, o perigo e ameaça crescentes dos grandes blocos políticos em hostilidade progressiva, criaram no mundo um estado de alarme e insegurança, em que a solidariedade, a preço por vezes bem oneroso, se torna crescentemente imperativa. Independentemente desta emergência trágica, as possibilidades de valorização pelo esforço comum sincronizado, e em escala cada vez mais longa, são visíveis.

Temos, todavia, de precaver-nos contra vertigens idealistas que nos invadem. Nenhuma suposta valorização imediata pode

aceitar-se sem condições. Muito menos, à custa duma efectiva alienação ou despersonalização pessoal ou colectiva.

Se na vida interna, a família é indiscutível, no plano internacional também a pátria, com o seu conjunto de valores históricos permanentes e personalizantes, não admite quebras. Compreendem-se limites; não se compreendem mutilações. Podem impor-se sacrifícios comuns no acidental. São inadmissíveis as demissões dos pequenos por imposição dos grandes.

Toda a problemática das relações internacionais importa uma base prévia estável que dê segurança suficiente, não só aos pactos escritos em momentos de crise, mas à sua aplicação sincera e leal, na vida corrente. Não bastam simples fórmulas insufladas de positivismo jurídico que, deixadas à mercê de qualquer contraste utilitário, se tornam inoperantes.

Nenhuma instituição como a Igreja Católica, mantenedora de valores espirituais permanentes, de significação universal e transcendente, pode constituir o ambiente ideal onde todos os povos consigam convergir para comungar na mesma espiração e efectivação de solidariedade e despersonalização individual ou colectiva. Pelo seu carácter supra-nacional e independência temporal, ela não se vincula a nenhum continente, raça, civilização ou forma de cultura. Engloba a todos, sem comprometer ninguém. Como mensagem de unidade, trazida ao mundo por Cristo e levada pelos apóstolos aos quatro cantos do globo, ela pode criar a verdadeira consciência ecuménica da mesma origem e do mesmo destino. Por ela, é possível fazer desabrochar em todas as latitudes e longitudes a mesma vivência supra-nacional e supra-social da suprema lei de aproximação humana: justiça na caridade e caridade na justiça. Esta é, na verdade, a única fórmula válida de coesão moral entre os homens.

Por isso mesmo, também, ela como ninguém pode apressar, em sentido construtivo e pacífico, o nascimento do mundo novo, no parto tão trabalhoso que o está

trazendo à luz da história.

Parece evidente, ser esta a missão providencial do Pontificado Romano, em nossos dias, principalmente desde Pio XII. Nunca, a intervenção dos Papas, na vida internacional, se afirmou por forma tão brilhante e expressiva.

Toca, de certo, aos intelectuais e universitários católicos, e a todas as organizações integradas por eles, com projecção e audiência na vida internacional, ajudar, por caminhos de paz, ao advento desta nova era supra-nacional na história do mundo.

Acompanhemos, sobretudo no plano cultural, esta acção de alto significado apostólico. Contra as forças de um universalismo despersonalizador dos indivíduos e das colectividades, negador da consciência, da família e da pátria, cumpre opor o verdadeiro e único sentido de catholicidade que só pode polarizar-se em torno das grandes verdades do Evangelho, como base moral comum da vida ecuménica.

Preparar a nova cidadania do mundo, nunca deverá nem poderá significar, para nós, a abdicação do justo apreço, defesa e promoção dos valores históricos que definem a nossa personalidade colectiva, sem aliás negarmos nem comprometermos as dos outros.

Se ser português não exclui ser cidadão do mundo, também não concebemos que, para ser cidadãos do mundo, tenhamos de deixar de ser portugueses.

Foi a fórmula gloriosa do universalismo cristão de nossos pais. Nós devemos mostrar que não só aprendemos de cor o teorema, mas sabemos vivê-lo com devoção e persistência. Longe de nos isolarmos da vida internacional, talvez seja oportuno interferir, mais do que nunca, em todas as suas afirmações.

Pode ser que a nossa presença assídua esteja fadada, providencialmente, para que o mundo aprenda, connosco, a ser genuinamente católico.

D. M.

NOTAS DE UMA VIAGEM Á POLÓNIA

A CAMINHO

Finalmente conseguira o visto da Polónia. Comprei depressa o bilhete e preparei as malas. Às dez horas da noite já esperava impacientemente o momento da partida, na sala de espera da Estação do Norte.

Deixava Paris sem tristeza. Estava completamente só nessa bela e imensa cidade. Não deixara ali saudades nem as trazia comigo.

Logo que me foi permitido entrei para o comboio. No meu compartimento, apenas um passageiro em frente, discreto e dorminhoco. Tinha por minha conta um banco inteiro. Estendi-me ao comprido. De fora vinha o barulho excitado da partida. Nos outros compartimentos percebia-se o afã de passageiros a aca-

mar bagagem nas redes.

Fechei os olhos, imensamente feliz e confiante, e entreguei-me à Virgem Maria. No meu cantinho da carruagem devia parecer um soldado raso contente, quando acaba de participar numa boa vitória.

Em dado momento tudo e todos caíram em profundo silêncio. Nem passos, nem vozes, nem remexer de malas. Comecei então a notar debaixo do assento, onde tinha pousada a cabeça, um leve ranger de molas que ia aumentando e acelerando a pouco e pouco. E lentamente, muito lentamente, o comboio começou a deslizar.

O DIA DA CHEGADA

Bielany é um vasto parque situado nos limites de Varsóvia. As árvores atingem proporções de gigantes — gigantes mansos e belos, mas tristes nas suas cores de outono; trágicos nos seus ramos superiores, negros e requeimados pelo fogo dos bombardeamentos, contorcidos para o céu, a clamarem não sei que prece desesperada. Salgueiros, faias, castanheiros e outras espécies estendem-se até ao Vístula. Devem ter lançado nele torrentes de dor ao presenciar as horas apocalípticas da destruição de Varsóvia. A alguns metros do rio, levanta-se uma capelinha barroca, toda branca, de torres airosas, dedicada à Senhora Imaculada.

Primitivamente construída em madeira, foi mais tarde reedificada em pedra, sofrendo posteriormente várias restaurações. De um dos lados, encontra-se o modesto e místico eremitério dos antigos Camadulenses, da Ordem de S. Ro-



mualdo, hoje adaptado a casas de habitação. Foi numa delas que estive instalada, durante a minha estadia em Varsóvia. Era uma pequenina moradia toda branca e simples como a alma de um eremita, acolhedora como o coração do povo polaco.

No dia da chegada, à tarde, percorri Varsóvia. Aqui pude compreender a guerra. Vi a meus pés a sua destruição. Vi o ódio dos homens misturado com os estilhaços das casas. Vi os túmulos da geração nova à beira das ruas, cobertos de flores, e nos passeios, as sombras dos que por cá ficaram. Vi as paredes das ruínas a meditarem na sua grandeza, quando ainda eram casas, e as novas casas tomarem as cores das velhas tradições. Vi as igrejas cheias de gente e a gente cheia do passado. Vi o cemitério transformado em lindíssimo jardim, onde as flores se misturavam com a dor dos que ali se calavam. Vi no centro de Varsóvia, soberbo e isolado, olhando satisfeito para o futuro, o grande Palácio da Cultura e, em volta, a cidade mergulhada na saudade do que a guerra destruiu do passado.

UMA ENTREVISTA INESPERADA

Atravessei à pressa Zamkowy e entrei na igreja académica de Santa Ana. Dirigi-me a uma senhora que chegara ao mesmo tempo que eu: — Cardeal Wyszinski? perguntei laconicamente.

Ela percebeu. Acenou afirmativamente com a cabeça, agarrou-me pelo braço e conduziu-me a uma capela lateral, à esquerda do altar-mor.

Poucos minutos depois entrava Sua Eminência. A capela encheu-se de estudantes. Era o dia de Nossa Senhora das Mercês.

Depois da celebração da missa, Sua Eminência dirigiu-se ao nartex e daí a uma sala, certamente para presidir a qualquer sessão universitária. Entretanto um grupo de estudantes, que tinha ficado fora, confraternizava comigo. Perguntei-lhes se eram da Acção Católica. Esclareceram-me que esta Organização não existe na Polónia depois da guerra. A formação da massa e do escol universitário faz-se dentro da igreja académica, em retiros especializados, em conferências e outras iniciativas.

Para o grupo que me rodeava, eu era uma espécie de representante dos estudantes universitários portugueses. Sentiamo-nos amigos. Saudaram de longe as suas irmãs lusitanas e deram-me fotografias com dedicatórias para lhes entregar no meu regresso. Reparei numa — um grupo de rapazes e raparigas no coração de uma montanha. Perguntei-lhes o que significava. Contaram-me que se tratava de uma excursão realizada havia poucos dias, onde os estudantes se entregavam ao desporto e a salutaros exercícios ao ar livre. Olhando para aquela fotografia, apetecia-me viver ali durante alguns dias uma vida simples e fraterna como a dos primeiros apóstolos, rezando e meditando junto da natureza, como S. Francisco.

Provavelmente a fotografia teria sido tirada num domingo. Imaginava a beleza de uma missa campal na montanha. E em frente do altar, armado na rocha coberta de líquen, a juventude, recolhida por momentos, a oferecer a Deus, em união com o Dom de Cristo, os seus divertimentos, as suas dificuldades e os seus ideais.

Um borborinho súbito deu-nos a conhecer que Sua Eminência se retirava da assembleia. Acorremos para a porta. Formou-se um círculo em volta do Cardeal Wyszinski. De vários lados as minhas companheiras falavam de Portugal. Sua Eminência ouviu e voltou-se; re-

conheceu-me pelo véu preto. Sorriu. Pousou paternalmente a mão sobre a minha cabeça. Falou-me de Fátima e eu do santuário de Jasna Góra. Abençoou-me, agarrou em várias estampas da Senhora de Czestochowa, assinou uma, deu-me todas e entrou para o carro.

Despedi-me do simpático grupo universitário e afastei-me devagar.

Sonhava mais do que nunca com a minha peregrinação a Czestochowa.

(Continua)

MARIA LUIZA VAL DO RIO



Fundação Cuidar o Futuro

*Polscy studenci na wakacjach w górnach
- wzięli sobie miarę na Tęczę.*

Saudações aos amigos de Portugal enviam os estudantes da Polónia.

9, Rue de Namur

Se um dia vieres a Lovaina de certo passarás pela rua de Namur. Rua de Institutos e de Faculdades, rua do Carmelo e do Colégio Americano, rua onde mora Mgr. le Recteur. E também rua da A. U. C. A. M.

Sobre a porta envidraçada uma placa de esmalte indica que é ali a A. U. C. A. M. (Association Universitaire Catholique pour Aide aux Missions ou, se és latinista, Academica Unio Catholica Adjuvens Missiones). Nas grandes vitrinas da sala do rés-do-chão vários números de «Réponse» (a nossa revista), o cartaz das actividades, o cartaz da Missa Missionária...

Abre a porta e entra. Atenção às bicicletas estacionadas no corredor, um pouco de atenção também aos avisos e anúncios afixados à tua direita: as nossas actividades, as actividades universitárias, as actividades dos outros centros. E, se algumas já estão desactualizadas, não te admires e desculpa: foi o vice-presidente que se esqueceu de tirar os avisos em atraso.

Chegada ao primeiro andar não tens senão que escolher o teu guia. Diante de ti o escritório do nosso «aumônier» (P. Saätman recortado sobre a porta), mais à direita o quadro das presenças, os sinais respectivos, a campainha. Uma pequena pérola móvel indica — ao menos teóricamente — os que se encontram em casa e os que se encontram ausentes.

Mas, se calhar, vieste cedo de mais, 9.10 h. da manhã. Os que tinham aula partiram para o curso; os outros dormem ainda...

Por isso, enquanto esperas que alguém apareça, vou aproveitar para te falar um pouco da A. U. C. A. M.

É hoje quase um lugar comum falar da Igreja em estado de missão. Todos sabemos que desde a

primeira hora, desde o dia em que o Senhor disse aos Apóstolos «Ide e ensinai a todos os povos» e desde aquele outro em que lhes enviou o Espírito Santo, a Igreja está em estado de missão.

Todos sabemos também que até ao fim dos tempos, quando o Filho do Homem vier para julgar os vivos e os mortos, a Igreja continuará em estado de missão.

Porque foi a ela que o Senhor enviou a anunciar em todos os cantos da terra, a Boa Nova. A ela que o Senhor ordenou que proclamasse, que gritasse sobre os telhados, que nada deixasse oculto do que foi revelado. Enquanto o mundo durar, ela prosseguirá, assistida pelo Espírito, na missão de levar aos homens, a todos os homens. Aquele que é a Luz do mundo e fora do qual não há salvação.

Mas a Igreja, esposa de Cristo, realidade transcendente, incarna-se em cada um dos seus filhos. E aquela que é toda bela, toda pura e toda imaculada, tornou-se assim misteriosamente dependente dos membros que a compõem. «Igreja Santa, formada de pecadores...»

consumação dos séculos, em estado de missão. Mis-

E porque a Igreja está e estará até à consumação dos séculos em estado de missão, nós, os seus filhos, estamos e estaremos com ela, e nela, até à consumação dos séculos, em estado de missão. Mistério de amor e de fidelidade de Deus para com a criatura que Ele associa, num gesto de pura liberalidade, à obra da Redenção. Pela qualidade mesma de cristão, cada um de nós é chamado a mostrar aos que a não conhecem, a face de Cristo e da sua Igreja. Nós todos, sem excepção, padres, religiosos ou leigos.

É também lugar comum falar da responsabilidade dos leigos na Igreja como uma das características dos nossos tempos.

Na medida em que na vida pública o laicado veio a desempenhar o papel que logicamente lhe competia, as atenções despertaram-se para o papel insubstituível dos leigos na vida da Igreja. Movimento que se desenvolve paralelamente: Da parte dos leigos, o desejo de assumir na sua vida de leigos e enquanto tais, o cristianismo autêntico, apostólico e missionário. Da parte da Hierarquia, a preocupação de definir o papel do laicado dentro da Igreja e de levá-lo a desempenhar efectivamente esse papel.

Se o aspecto «missão» nos aparece como uma faceta essencial da Igreja, inseparável do seu próprio ser, e que, portanto, todos os cristãos são chamados a reproduzir, uma ou outra forma — «missão» no sentido restrito — constitui um apelo especial a que apenas um certo número é chamado, ao menos de forma directa.

Trata-se aqui da implantação da Igreja em regiões em que o pequeno número ou a ausência de fiéis, a não existência duma hierarquia autoctone e a deficiência de meios materiais, impedem que a Igreja se estabeleça em âmbito nacional.

Assim a tarefa de evangelização é assegurada principalmente por meios tanto pessoais como materiais vindos do exterior. Se bem que esta fase possa ser de longa duração, ela é essencialmente provisória e visa, em última análise, ao estabelecimento duma igreja autoctone e dotada de meios próprios de subsistência.

Neste campo, como nos outros, a Igreja fez apelo à colaboração dos leigos. Todos sabemos hoje que a designação de «missionário» já não é o exclusivo da velha imagem do sacerdote de longas barbas partindo para terras da África ou da Ásia. Ela aplica-se a todos os que, padres ou leigos, partem para, ao serviço dos Bispos de qualquer país de missão, serem, na sua esfera própria, agentes da implantação da Igreja.

Nestes países em que o estabelecimento dela coincide geralmente com o desenvolvimento da civilização industrial, a necessidade de quadros é uma das que mais urgentemente se faz sentir. Assim, a presença de médicos, engenheiros, economistas, professores católicos, responderá a uma necessidade simultânea da Igreja e da sociedade civil.

Foi o que o P. Pierre Charles compreendeu, quando, em 1924, com um grupo de professores da

Universidade de Lovaina fundava a A.U.C.A.M.

Movimento inicialmente destinado aos professores, em breve se estendeu aos alunos e veio mais tarde a separar-se em dois ramos distintos. Ele é hoje um movimento exclusivamente de alunos no que respeita às actividades e orientação; mas um grande número de professores, antigos universitários e membros de honra, o apoiam sob o ponto de vista económico.

Os fins do movimento são, desde o princípio, definidos como segue: «mettre au service de la cause des Missions, dans toute la mesure du possible, les moyens spéciaux dont disposent les universitaires; les modes d'action seront prier, susciter et favoriser les départs d'universitaires en pays de mission, organiser la propagande et tenir en éveil l'opinion publique sur les problèmes des missions, entrer en relations intellectuelles avec les facultés des pays de mission, étudier des questions missionnaires, recueillir des fonds».

Por meio de conferências, círculos, reuniões, «soirées amicales» e de «Réponse», a AUCAM procura realizar a sua missão de informação.

A adesão de novos membros ao princípio de cada ano e a renovação dos antigos asseguram uma parte dos fundos necessários. E não queiras saber o que é partir cada manhã durante as três primeiras semanas de aulas, em grupos de oito ou nove, para vender os cartões de membros nos auditórios de primeiro ano. Um de nós faz um pequeno «speech» ao microfone; os outros distribuem prospectos, e depois... vender o máximo no mínimo de tempo, até à chegada do professor. E não é uma vez nem duas que parte da equipe fica «prisioneira», estando muito longe da porta para poder sair discretamente. Mas, mesmo durante estas aulas forçadas há maneira de fazer novos membros...

Cada semana a Missa Missionária reúne-nos em torno do altar a rezar pela intenção missionária do mês. O sermão informa-nos sobre a situação da Igreja nessas diferentes regiões e ensina-nos, e obriga-nos a rezar mais e a oferecer mais por aqueles que aprendemos a conhecer um pouco melhor.

Gostava que estivesse connosco uma 3.ª feira à tarde. E que à procissão de Ofertório depusesse connosco a tua hóstia e as tuas intenções sobre a patena:

Seigneur, nous vous prions pour nos frères de



Chine. Donnez-leur la force de rester fidèles malgré la persécution.

E o coro entoa:

Vous êtes notre Père, ayez pitié de nous, par le Christ Notre Seigneur.

A partir de 1948, as actividades da AUCAM revestem uma nova forma: fazer vir a Lovaina católicos militantes de países de missão indicados pelos respectivos Bispos. Uma vez completada aqui a sua formação universitária, eles irão contribuir para formar, nos países de origem, uma elite católica universitária.

É por isso que, no quadro das presenças, pudes-te ver indicados vários países: Bélgica, Congo, China, Índia, Libano, Vietnã.

Mais abaixo, no 185, é o centro feminino: Château, Maison St Quentin, Maison Blanche, Maison des Filles, tudo isso é a nossa casa. Apenas a começámos este ano em Outubro. Por isso, não te admires, se algumas coisas ainda estão para «mettre au point». Mas não calculas o que representou para nós de aprendizagem e de enriquecimento este ano de vida comunitária. Por isso, uma delas me dizia no outro dia: «Même si je ratais mes examens, cette année-ci aurait été un des plus riches de ma vie».

Aqui a Bélgica, o Congo, a Inglaterra, a Grécia e Portugal estão representados. E, em Abril próximo, chegará a nossa chinesa, Agnès, a primeira bolsreira da AUCAM.

Ainda não te falei das «équipes spirituelles», masculinas e femininas, que reúnem livremente os membros mais «engagés». Por um programa mínimo de vida espiritual e pelo estudo em comum de aspectos do dogma e de problemas missionários, procuramos constituir verdadeiras equipas que sejam na Universidade uma presença e um apelo missionários.

A «équipe des anciens» reúne os antigos membros dispersos pela África e pela Ásia como leigos missionários ao serviço dos Bispos locais. Um programa de vida comum e a carta mensal os mantém unidos e bem vivo o sentido da solidariedade e da responsabilidade de cada um, *vis à vis* da equipa total.

Em estreita ligação com ela a equipa «des futurs anciens», daqueles que se preparam para partir.

De muitas coisas quereria ainda falar-te: das «mensagens gravadas que vão e vêm para os «anciens» e dos «anciens», das excursões dos domingos com os estrangeiros, dos fins de semana das equipas, das tardes passadas a fazer «baby-sitting». E posso garantir-te que entre os bebés africanos, asiáticos, americanos e europeus não há preconceitos raciais. O entendimento é bem pior cá em casa, quando, partido o bebé, se passa o jantar a discutir qual de nós tem mais talentos para se ocupar de bebés.

Queria ter-te introduzido um pouco no espírito da AUCAM, fazer-te sentir esta universalidade da Igreja que nós vivemos aqui de forma palpável no contacto quotidiano com os nossos irmãos de todas as raças e de todas as nacionalidades.

É bem difícil um bocão de papel.

Mas, mais importante do que os contactos físicos é a nossa comunhão de membros do Corpo Místico. Por isso, basta que digas connosco cada dia, pela tua oração e pela tua vida: «Pai, que eles sejam um como Tu e Eu somos um». E então, estaremos todos unidos no espírito da AUCAM que é o espírito da Igreja de Cristo.

SUSANA GASPAS DE ALMEIDA
(Presidente da AUCAM)

PRÉMIOS LITERÁRIOS

A pedido da Atica informamos os nossos leitores que foram criados os seguintes prémios literários:

PRÉMIO FERNANDO PESSOA: No intuito de promover a publicação de obras poéticas inéditas a família de Fernando Pessoa resolveu criar com a colaboração da Editorial Atica, um prémio para atribuir à melhor obra de poesia que a ele tenha concorrido, prémio este que consiste na quantia de 5.000\$00 e na garantia da edição do livro premiado. O prazo de entrega das obras para este prémio termina em 31 de Maio e o júri decidirá até 31 de Julho.

PRÉMIO ATICA — A Editorial Atica criou também um prémio idêntico para romance, conto e novela, também destinado a obras inéditas.

As pessoas interessadas em concorrer a qualquer destes prémios poderão dirigir-se à Livraria Atica, R. Alexandre Herculano, 17-A, onde lhes serão fornecidas as indicações necessárias.





PAUL KLEE — Paisagem com pássaros amarelos — 1923

Fundação Cuidar o Futuro

Primavera

em Thomas Merton

*Floriu o céu em luz
Floriu a terra em cor.
Nos abismos, as cristas rendilhadas
Ignoraram o côncavo dos fundos.
Estremeceram de seiva
Os troncos da floresta
E animaram-se nos mares
Os cânticos dos mundos.*

*Os homens, perturbados, detiveram,
Seus esquecidos passos rotineiros
Ao ver a natureza palpitar.
E o dourado silêncio revelou,
Num transparente grito repentino,
Um desejo incontido de Adorar.*



GO-TE POR TERES ESCONDIDO ESTAS COISAS AOS SÁBIOS E AOS PRUDENTES E POR AS TERES REVELADO AOS PEQUENINOS» (S. Mateus XI, 25).

Enfim, precisamos de ler a Bíblia seguindo UM MÉTODO. E o melhor será aquele que nos fizer descobrir no seu conjunto a linha progressiva da revelação divina, o que iluminar a maravilhosa unidade e profundidade do plano de Deus.

É preciso portanto, se possível, ler a Bíblia *in extenso*. Fazer uma «leitura cursiva», isto é leitura contínua, seguida, com «disponibilidade» afim de abranger os diferentes aspectos do ensinamento dado. O ideal será fazê-la de lápis na mão, sublinhando as passagens mais importantes. Por vezes, convirá parar um pouco... nos pontos cumes: quer para lançar um olhar ao período percorrido, fazer uma síntese da doutrina, quer para esboçar a fisionomia dos grandes personagens bíblicos.

Assim, em certas passagens, a leitura cursiva tornar-se-á «leitura meditada, leitura rezada»: guardamos e recordamos no nosso coração as palavras divinas que mais nos tocaram.

Paralelamente à leitura do Antigo Testamento, far-se-á a leitura igualmente seguida do Novo Testamento. Habituar-nos-emos assim a captar desde o princípio o elo que une os dois Testamentos, a penetrar o sentido divino das Escrituras e a enriquecer o nosso conhecimento de filho de Deus que vive sob a lei do Amor, com essa longa preparação e com a educação progressiva da Antiga Aliança.

Um segundo método, que aliás completa o primeiro e se utilizará normalmente depois daquele, é o de fazer a «leitura doutrinária» da Bíblia sobre um ponto mais determinado... numa palavra, de fazer o estudo dos «TEMAS BÍBLICOS». Aqui, o campo é verdadeira-

mente inesgotável. Sobre a linha de conjunto, sobre a teia da revelação progressiva está tecida uma quantidade de temas doutrinários que se vão desenvolvendo igualmente, interpenetrando-se por vezes e convergindo todos para a revelação de Cristo Jesus. Poderá ser o tema da «eleição»: Deus que, por um dom gratuito, escolhe, ao longo da história, o seu eleito, o seu povo... Abraão, Moisés, David, os profetas, até nós cristãos de hoje que, em Cristo Jesus, somos chamados a fazer parte do Reino. Poderá ser o tema da «misericórdia»: Deus que se debruça sobre a humanidade pecadora e a cada passo a reergue desde a sua primeira queda, sempre repetida. A Bíblia conta-nos mil feições dessa misericórdia que tem o seu apogeu no Evangelho: o nosso Deus é o nosso Pai que todos os dias sobe à sua torre e perscruta com amor o horizonte para ver se lá virá o seu filho pródigo. Pode ser o mesmo tema visto pelo ângulo oposto: o dos pequenos, «dos pobres» aqueles para com os quais Deus usa de misericórdia. E tantos outros mais...

É preciso termos feito o estudo destes temas para sabermos que enriquecimento ele traz à nossa vida espiritual. Sob essa grande ideia tudo se ordena no plano divino diante dos nossos olhos: este aparece-nos numa síntese magnífica.

Será bom depois de tudo isto — e será um terceiro método — voltar às vezes a um livro mais amado, mais essencial. O seu lugar no conjunto da revelação é agora conhecido; a sua doutrina já foi aprofundada... agora, voltamos a ela para a «saborearmos» numa oração calma e silenciosa. É o mistério de Cristo expresso por S. Paulo... «Ele amou-me e entregou-se por mim». É a oração de amor expressa em S. João... «Pai, que eles sejam um como vós e eu somos UM». Esta «leitura sapiencial» da

Bíblia não é, afinal, senão uma oração: recolhemos então o suco, o fruto das leituras precedentes.

Para completar, é preciso acrescentar ainda que a leitura da Bíblia deve ser antes de tudo «litúrgica». Esta leitura é, poderíamos dizê-lo, primeira e última. É primeira, porque é a Igreja que nos inicia na leitura da Bíblia na Missa, no ofício litúrgico. Será sempre com ela que teremos de ler a Escritura... Não tem ela em si o Espírito de Deus e a guarda do depósito sagrado da revelação?

No entanto, essa leitura litúrgica ficaria pobre, se não fosse alargada, completada por uma leitura pessoal, mais seguida. Pelo contrário, sustentada por um contacto mais íntimo e mais profundo com o conjunto do Texto sagrado, essa leitura litúrgica torna-se a forma última e plena da nossa leitura bíblica, pois ao mergulharmos com a Igreja, o nosso olhar nos abismos dos segredos divinos, descobrimos com Ela a maravilhosa conveniência dos textos que ela propõe à nossa oração.

Quem poderá cantar com mais convicção e regozijo — com a Igreja — no dia de Páscoa «CRISTO, NOSSA PASCOA FOI IMOLADO», senão aquele que

tiver lido no livro do Êxodo e no decurso de toda a história de Israel a longínqua prefiguração da salvação pascal obtida pela imolação do cordeiro sem mancha?

Mas essa leitura da Bíblia, dir-me-eis — exige perseverança. Sim. Homem que venceu e saboreou a rudeza enriquecedora do deserto, St. Exupéry escreve que «o deserto não revela os seus segredos aos amantes de um dia». Assim é também com a Bíblia. Ela não revela os seus segredos aos amantes de um dia, às almas superficiais, demasiadamente apressadas, que querem encontrar sem esforço um alimento já preparado. Ela é uma fonte profunda, onde é preciso ir beber a longos tragos... ela é uma «fonte de água viva que jorra para a vida eterna». Aquele que nela matar a sede, nunca se arrependerá de o ter feito. Descobrirá pouco a pouco »ESSA SABEDORIA MISTERIOSA, ESCONDIDA — O QUE OS OLHOS NÃO VIRAM, O QUE OS OUVIDOS NÃO OUVIRAM — O QUE DEUS PREPAROU PARA AQUELES QUE O AMAM» (I Cor. II 9) E a essa luz, toda a sua vida cristã se iluminará.

M.^{re} Gabriel Maria O.S.B.

«Até que na espantosa luz de Abril, / Sob o tremendo peso / do religioso silêncio primaveril / a criação não pode mais aguentar / a terrível pressão / do seu segredo eterno»

(Thomas Merton — Figures for an Apocalypse)



A escola « é por sua natureza instituição subsidiária da família e da Igreja; e assim, por lógica necessidade moral, deve, não só não contradizer mas harmonizar-se, num esforço construtivo, com os outros dois ambientes na mais perfeita unidade moral que for possível, até poder constituir juntamente com a família e a Igreja, um mesmo santuário, consagrado à educação cristã, sob pena de faltar à sua missão e de se converter em obra de destruição».

PIO XI — Divini illius magistri

problemas de quem ensina

— falam algumas professoras da nova geração —

Todos os anos saem da Universidade dezenas de novos licenciados que vão para o ensino, liceal e técnico.

Que realidade os espera? Como estão preparados para a enfrentar?

Em vez de uma resposta em tom magistral, preferimos ir interceptar a conversa de duas professoras de liceu e duas de escolas técnicas. Escolhemos professoras da «nova geração», com uma experiência ainda recente para que, mais perto da Universidade, não deixem de ter presente na sua reflexão a relação Universidade — ensino secundário que, particularmente, como universitárias, nos interessa.

Com a experiência que já tens do ensino, com o que já refletiste sobre o assunto, agora que podes ter já observado alguns aspectos negativos do lugar de professora liceal, diz-me o que achas do ensino como meio de realização da mulher. Parece-te que é aquela profissão feminina para a qual se devem orientar as raparigas?

— Primeiro que tudo, acho que não se deve confundir profissão com vocação. O ensino é uma profissão. Não oferece, por isso, todos os meios de realização da mulher. Agora, dentro daqueles que oferece, é que se pode pôr o problema. O ensino oferecerá mais do que as outras profissões? É lugar comum dizer-se que sim. Mas eu suponho que não se pode responder desse modo à pergunta. Depende de cada caso concreto; depende de cada mulher em particular.

— Parece-te que o ensino (para uma professora nova e com sincero desejo de acertar) dá resultados positivos ou admites que redunde às vezes numa certa frustração (turmas indisciplinadas, em que a necessidade de manter a disciplina, acima de tudo, não permite uma dádiva de conhecimentos e de elementos formativos)?

— Sim, admito essa possibilidade, por exemplo em certas turmas de rapazes no francês do 2.º ciclo, a que eles quase não ligam importância, por ser poucas vezes por semana e por andarem demasiado absorvidos com a novidade do inglês. Mas, sabes, a minha experiência é muito limitada. O ano passado, ensinei várias turmas de raparigas com as quais me dei muito bem. Este ano, como estagiária tenho dado só aulas de substituição a rapazes. Mas ainda não comeci a «ensiná-los» propriamente. Parece-me que deve haver uma diferença nítida entre elas e eles. Elas são muito abertas à influência duma professora nova que as queira conquistar. Por isso, constituem um campo de apostolado muito mais facilitado. Mas há, também, condições materiais que dificultam: turmas grandes e um reduzido número de tempos

lectivos nalgumas disciplinas. Assim, fora das aulas, não se torna possível o convívio com todas.

Queres dizer então que achas muito importante o contacto com elas depois das aulas, em pequenos grupos à tua volta. Não achas que isso pode ter inconvenientes de ordem disciplinar? Não será dar-lhes demasiada «confiança»?

— Não, não acho. Dei-me bem com esse sistema. Passeava até com elas no recreio. Penso que uma aluna indisciplinada, falando assim connosco, pode modificar totalmente o seu procedimento nas aulas.

Mas estou sempre a falar da experiência que tive com as raparigas. Suponho que o convívio com os rapazes, sobretudo depois de entrarem no segundo ciclo, é caso mais de ponderar.

E as professoras mais antigas no liceu — o contacto com elas parece-te importante?

— Há vários ambientes de liceu — varia de um para outro. Eu não tive dificuldades nesse aspecto. Fui exercer para o liceu, onde tinha andado e as professoras mais antigas foram extraordinariamente acolhedoras, acreditaram no meu entusiasmo de «nova» e nos meus métodos embora às vezes discordassem um pouco. Mas não opuseram barreira. Sei, no entanto, de colegas minhas que se têm sentido muito isoladas em certos liceus, em que as professoras «instaladas» não facilitam nada o convívio.

Sei que as alunas do liceu onde estavas gostavam muito de ti. Quais te parece que são as qualidades que elas exigem de uma professora nova?

— Em primeiro lugar, compreensão, respeito pelas opiniões e preocupações da sua idade. Depois, justiça, nas notas e nas medidas tomadas quanto ao comportamento. Elas têm um sentido de justiça muito apurado.

E simpatia, agrado. Elas ligam realmente muita importância ao aspecto da professora nova.

Disseste que exigiam justiça. Não achas que isso é mais uma coisa teórica do que uma realidade prática? Não achas que às vezes elas consideram-nos a a professora que reprova calmamente no fim dum mau exame em que esteve sempre sorridente a interrogar? Não achas que consideram injusta uma professora que marca várias faltas de castigo numa aula em que elas se estão a portar mal, só porque o fez sem levantar a voz, com um aparente ar de indiferença continuando a lição como se nada tivesse acontecido? Quer dizer não te parece que o famoso sentido de justiça das alunas é mais um critério de sensibilidade do que uma abstracta noção do que é justo?

— Sim, esses casos podem muito bem acontecer. Mas o convívio fora das aulas pode levá-las a fazer um exame consciencioso do que se passou, orientá-las no sentido de uma reflexão mais profunda. E acredito plenamente que então reconheçam a justiça da professora.

Não achas que uma turma tem um contributo enorme para a aula? É o professor que faz a aula ou é a turma?

— O professor tem certo contributo; mas a turma não o tem menor. Depende muito dela, realmente, a disciplina e o rendimento de uma aula.

Que achas do Estágio, em que entraste há poucos meses?

— Acho que o estágio é longo demais. Alguns meses, e não dois anos, é o que deveria ser.

A posição dos professores estagiários é diferente da dos outros mesmo eventuais. Os alunos têm tendência a considerar menos o estagiário. Acho que deve ser dada a este toda a liberdade na marcação de castigos e de notas, sobretudo não contrariar uma decisão tomada por ele de maneira que os alunos vejam.

Outra coisa importante, é que há tendência a sobrecarregá-lo com trabalho para

além das horas de serviço estipuladas de princípio. O estagiário pode acumular o seu serviço no liceu com aulas num colégio, por exemplo, e ver assim a meio do ano transformada a vida que já organizara segundo o horário primitivo.

E agora outro aspecto — o sobrenatural. Disseste que sobretudo o convívio fora das aulas era meio de apostolado. E as aulas propriamente?

— Nas disciplinas de letras é mais fácil dar-se testemunho da nossa visão da vida, a propósito de um trecho que se comenta por exemplo. Diga-se, de passagem, que há livros de texto muito mal elaborados.

Nas disciplinas de ciências, parece-me que deve ser mais difícil.

Mas há sempre o testemunho de justiça e a compreensão delas e das suas opiniões.

E quanto à vida interior da professora? O ensino não será perigoso, por demasiado absorvente (muitas aulas a preparar, muitos exercícios a elaborar, muitos exercícios a corrigir, muitos cadernos a ver, muitas informações individuais a fornecer à Direcção do ciclo).

— Sim, talvez canse demais, em certos casos podendo levar um pouco a diminuir a nossa exigência em certos aspectos da vida de piedade. Mas não me parece que ofereça grande perigo por esse lado.

Esse absorver demasiado do tempo e do espírito também não te parece perigoso sob o aspecto, não já agora religioso, mas cultural?

— Ah, isso sim. Acho que não se deve ter ilusões. É realmente difícil, não sei se quase impossível, manter o mesmo contacto com centros de cultura que tínhamos no tempo de faculdade. Fazem falta. Há um grande perigo de rotina. A pessoa deixa em regra um pouco de estar «au point» culturalmente.

E para final desta conversa, o que queres dizer?

— Que as aulas de raparigas, de que eu tenho mais experiência, podem render muitíssimo. Refiro-me, sobretudo, ao enriquecimento pessoal mais do que ao aproveitamento académico. Nisso, não creio que sejam superiores aos rapazes. Mas as raparigas estão realmente muito abertas à nossa influência. Fica essa lembrança quando as deixamos. Até que ponto não lhes teremos influenciado toda a sua juventude e até que ponto não teremos deixado de lhes dar tudo o que podíamos...

NATÁLIA HASSE FERNANDES

(professora do liceu Nacional de Oeiras)

e IDALINA PEREIRA

(professora-estagiária do liceu Pedro Nunes)

— Que problemas te parecem mais prementes para a recém-licenciada que pela primeira vez recebe a comunicação de seguir viagem para uma terra que quase só conhece de nome?

— Em primeiro lugar terá de tratar de saber se tem meios de transporte que a tragam rapidamente à terra natal; se o seu horário lhe permitirá vir passar fins de semana a casa, fazendo-a esquecer que está longe dos seus; se as aulas de apresentação podem fazer-se em menos de 10 minutos... Tudo o mais se lhe afigura nebuloso e quase esquece os ideais que a levaram até ao ensino e a dedicar-se a ele inteiramente. É que a realidade apresenta-se demasiado dura.

— Mas não chegarão os primeiros contactos com a vida profissional, para fazer desaparecer essa inquietação nascente, fazendo-a reviver o ideal por que foi para o ensino e dando-lhe possibilidades de realização?

— Os primeiros contactos aumentam os problemas. Primeiro que tudo sente a

ausência duma comunidade profissional em que se integre e continue aquela donde saiu — Universidade ou JUCF.

Depois, e como consequência desta, a falta de interesse das «velhas» pelas «novas» que vão chegando. Aquilo é uma coisa que acontece todos os anos...

— Mas depois... já no exercício da sua actividade profissional é natural que sintas voltar o ânimo perdido...

— Sim, resolvidos os difíceis problemas de instalação em terras pequenas, a sua atenção volta-se então toda para as alunas. Mas ainda aqui a sua preocupação resume-se em preparar bem lições, conhecer à risca o programa e cumpri-lo rigorosamente. E por isso depressa descobre que o trabalho escolar, que se resume afinal em dar aulas, lhe deixa um «vazio» podendo-a levar mesmo a um sentido de frustração...

— E a ti, pareceu-te o complexo escolar difícil de enfrentar no seu conjunto?

— Creio que para nós, professores, principiantes, a essência da função docente constitui uma surpresa. Antes de começarmos a exercer o magistério, parece-nos que tudo se irá resumir a ensinar, a nossa disciplina...

Surgem-nos depois, uns após outros, erizados de dificuldades e cada vez em número maior, problemas de ordem diversa — didáticos, pedagógicos, administrativos, sociais, problemas das relações entre professores e alunos e dos professores entre si... problemas para os quais não temos a mínima preparação. No primeiro ano de docência, nem nos damos conta dessa dramática ignorância, dessa falta de consciência dos múltiplos e complexos aspectos da profissão que escolhemos. Só mais tarde, e sobretudo ao entrar no estágio, sabemos que muita coisa até então feita ou pensada não estava totalmente certa, que aquele natural desconhecimento de certos problemas para os quais a Universidade não nos preparara se havia reflectido nos alunos que nos tinham cabido leccionar.

— Não achas, que a nossa falta de preparação é muito grande e que em parte justifica o tal sentido de frustração profissional?

— Sim, e não somos só nós a sentir-lhe as consequências...

Se em todas as profissões a falta de preparação adequada é um mal que se reflecte na Sociedade, no Ensino ela acarreta prejuízos irreparáveis. Enquanto se aprende sem orientação, quantos erros acumulados! Um artífice pode fazer uma dúzia de objectos mal feitos para aprender a fazê-los bem; mas nós não podemos aprender a ensinar bem ensinando mal. Primeiro porque nos falta a base metodológica que nos deveria ser fornecida, depois porque enquanto se hesita, se experimenta, se porfia, o aluno — instrumento e razão de ser da nossa preparação e da nossa actividade — vai sofrendo as consequências... inevitavelmente.

— Sim, porque a boa vontade, o esforço de aperfeiçoamento pessoal, o Amor às crianças e aos adolescentes, a própria VOCAÇÃO (no que esta palavra tem de mais rico) não chegam. Para ensinar — e para educar — não se recebe ciência infusa.

Um estágio devia ser sempre obrigatório; não um estágio para professor efectivo, mas um estágio para professor, simplesmente. Um ano — e em regime normal de serviço — mas orientado por professores qualificados e colocando-nos frente ao maior número possível de problemas pedagógicos e didáticos.

Mais ainda: acho fundamental que nos facultem possibilidades de tocarmos em todos os aspectos do acto educativo, colaborando com a direcção das escolas em

actividades para e circum-escolares e estabelecendo contacto com os pais dos alunos, médicos, professores de Moral e psicólogos escolares.

Se não for assim, acabaremos por sermos apenas ensinadores e dadores de lições e não educadores.

— Numa conversa entre professores fala-se sempre de disciplina. É tema inesgotável, de resto. Como o encaras?

— A começar, digo-te que há entre os professores, duas atitudes mentais dominantes quando falam de disciplina: uns procuram colocá-la ao serviço da Educação total e encaram-na como expressão equivalente de «formação do carácter». Nessa acepção, acho que nunca se falará demasiadamente em disciplina. Outros professores estão sempre a queixar-se do barulho, dos papéis pelo ar, das entradas ou saídas ruidosas e das piadas dos alunos. Esses não falam em disciplina, mas em indisciplina. Para eles, classe disciplinada é classe quieta ou sentadinha e essa caricatura numa riquíssima realidade trá-los obcecados. Não sabem falar noutra coisa. Digo-te que, nessa maneira de encarar o problema, se fala, entre nós excessivamente de disciplina.

— Colocaste-te em terreno calcado por muitas correntes... Ora explica lá: por que é que a classe quieta, é uma caricatura da realidade disciplinar?

— Porque o estar quieto ou sentado é apenas um meio. Todos nós conhecemos classes de alunos muito sossegados que não podem considerar-se disciplinados, porque não, estão integrados no trabalho do conjunto; estão desligados, interessados em outra coisa...

— Acreditas que «a disciplina não se impõe, acontece»?

— Agora acredito. Mas, no meu primeiro ano de Ensino, se mo tivessem dito, protestaria. Ainda hoje, por vezes, me parece difícil perfilhar, em toda a sua pureza, aquela afirmação do nosso colega, o grande Sebastião da Gama, sobretudo com turmas do 1.º ano. No entanto, um mês ou dois depois de as aulas começarem — e por muito mais que a turma seja — a gente sente que a disciplina começa a acontecer. Esquecemo-nos, quase sempre, a princípio, de que a verdadeira disciplina é a que nasce do interesse que os alunos põem no trabalho a realizar e muito mais do empenho no que se lhes dá para fazer ou dizer, do que naquilo que nós, professores, fazemos ou dizemos. Se uma classe está verdadeiramente interessada, ela própria se vai disciplinando, aos poucos. A disciplina parte de dentro...

Ela prende-se também muito ao estilo de convívio que se estabelece com os alunos. Mas é tão difícil conseguir um ambiente em que todos se sintam bem e em que os alunos se vão disciplinando em profundidade sob o nosso impulso, em turmas de 40, sobretudo do 1.º ano! Há sempre elementos perturbadores, elementos que afectam seriamente o conjunto e dos quais apetece dizer: «É se eles se fossem embora?»

Mas o mandar embora não é a função da Escola. É preciso que todos tenham nela o seu lugar. De resto... onde, para muitos, existe melhor ambiente do que na Escola? Nós sabemos os problemas que atormentam os nossos adolescentes e que, para muitos deles, a única possibilidade de se educarem verdadeiramente está na Escola.

... Não é nossa a culpa de as turmas serem numerosas. Também não é culpa deles...

— Olha, quando se fala de disciplina, começa-se quase sempre: «Os rapazes...» Concordas que o sujeito seja sempre o aluno?

— Não, de maneira nenhuma. Esquecem-se, por vezes, os factores humanos e

psicológicos da realidade disciplinar: por um lado, o professor, o corpo docente como um todo, a direcção da Escola, a organização dos serviços; por outro, o interesse, a fadiga, os horários, os recreios, os métodos de ensino...

A disciplina é apenas um aspecto do acto educativo; há que vê-la integrada no conjunto.

E de resto, sendo a Escola depositária de um certo pensamento pedagógico, de um certo «engagement» frente a uma Filosofia da Educação, a disciplina cria-se em função desse pensamento, desse compromisso.

Não se manda calar, só para não haver barulho. É preciso que o «mandar calar», o «mandar sentar», esta ou aquela proibição, façam parte de um sistema educativo.

E não há dúvida de que os contactos entre professores e alunos facilitam a criação dum ambiente em que estes se disciplinam em profundidade.

— Achas que são frequentes e de possível realização os contactos fora das aulas?

— Quando o professor se dedica completamente, facilmente cativa a simpatia dos seus alunos. Estes distinguem perfeitamente o que é feito por amizade do que é para cumprir formalidades. E confiam-se por sua vez inteiramente naquele que lhes abriu as portas dum coração generoso que nada regateia.

Para haver contactos fora das aulas é necessário atender primeiro ao ambiente em que estas decorrem. Aí já o professor revela um pouco do que é, pela atenção sempre prestante e amável que lhe merece qualquer pequeno problema posto pelo mais tímido dos seus alunos. Depois cá fora aos intervalos: o professor que não apressa a saída das aulas que não se atrasa na entrada, que ensina em toda a parte, em qualquer momento...

E a partir daqui tudo o resto... até às escolas bem organizadas onde, através de actividades circum e extra-escolares, pode exercer a mais benéfica das influências no espirito dos seus alunos. Sem descer ao nível de camarada (que o pode inferiorizar) mas deixando entrar nas suas aulas simples e unidas transbordante que todos lhe merecem.

— Falaste em actividades circum-escolares e extra-escolares. Achas que a professora pode, através delas, ter acção preponderante no espirito dos seus alunos?

— Sem dúvida alguma. É quase sempre através delas que as alunas revelam capacidades que os 50 minutos duma aula, passados em obediência estrita a programas implacáveis não deixam revelar.

Actividades da M. P. F. que vão ao encontro dos gostos e preferências femininas das nossas alunas de 14 ou 15 anos, um jornal a que as alunas possam chamar seu e onde possam expandir as suas incipientes tendências literárias e artísticas, sessões cinematográficas que elevem a sua cultura acima da que lhes é dada pelos filmes de «cow-boys» e «gangsters» quando não piores... JECF ou JOCF, conferências de S. Vicente de Paulo, enfim todo um conjunto que crie ao jovem estudante um ambiente que possa suprir ou ajudar a acção familiar e permita ao professor, conhecê-lo melhor, acompanhá-lo, ajudá-lo a resolver as dificuldades que encontra e que lhe confia.

Parece-me bem, que depois desta nossa conversa sobre problemas que nos são tão caros, ambas estamos pensando o mesmo: se pudéssemos voltar agora ao dia em que recebemos o canudo e escolher de novo a nossa profissão, ambas optaríamos, pela de professoras no E. T. não te parece?

— Sem dúvida. É que educar integralmente homens e mulheres e, ao mesmo tempo, formar profissionais competentes e enquadrados na estrutura social, é qualquer coisa muito difícil mas por isso mesmo (repara que não digo «apesar disso» mas «por isso») muito bela e grande.

ESTELA FRANCO e FERNANDA PAZ
(professoras-estagiárias da Escola Veiga Beirão)



ARTES



GEORGES ROUAULT

«L'art est délivrance même dans la souffrance, mais aux yeux de ceux qui n'ont pas le sens de la liberté de l'esprit l'art est un crime, l'artiste un fou.»

(Rouault, 1952)

Georges Rouault nasceu em Paris, em 1871.

Morreu há 2 anos após uma longa vida inquieta e fecunda, dedicada infatigavelmente à Pintura.

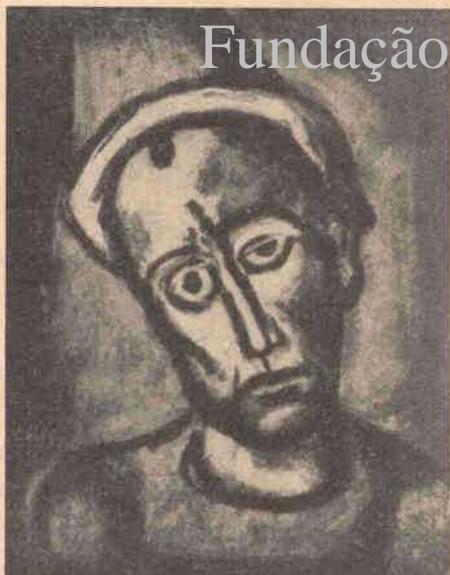
Para melhor o compreendermos na sua dimensão humana tentemos recuar a 1885 e imaginemos um rapazinho de 14 anos que se dirige às aulas nocturnas de uma Escola de Artes Decorativas após um dia de trabalho na oficina de um tal Hirsch, restaurador de vitrais. Podemos acompanhá-lo uns anos mais tarde na sua entrada na Escola de Belas-Artes onde encontrou no Mestre Gustave Moreau um amigo inteligente e aberto e onde foi colega de Matisse. Aí

pintou assuntos religiosos de uma maneira ainda académica.

Vamos agora ao encontro desse homem como artista, ao entrar naquilo a que costuma chamar-se «a Vida», e à medida que vai criando a sua vasta e variada obra de gravura, cerâmica, guacho e aguarela, óleo e vitral. E porque a palavra «artista» abrange todos os que são capazes de transmitir esse imponderável que se chama arte através de diversos meios de expressão, e apesar de Rouault ter convivido mais com escritores (Hupman, Léon Blois) que com artistas plásticos e ter, ele próprio, escrito alguns textos que ilustrou, prefiro dizer, mais comesinhamente, que o va-

mos encarar na sua profissão de pintor de arte, com aquela naturalidade com que socialmente devia ser considerado por um público que ame, compreenda e compre, ou compre, mesmo sem compreender, apenas porque tem fome de sonho.

Não vou chamar-lhe «gênio» porque não gosto da palavra na medida em que afasta, isola e faz de homens mitos. Creio também não ser necessária mesmo para definir aqueles que, como Picasso, com sua obra impressionante, sempre inesperada, inquieta, por vezes dramática, abrem de par em par as portas da poesia ainda que fiquem voluntária e dolorosamente de fora, por vocação.



ROUULT — *Quem não pinta o seu próprio rosto?*

Ora é para além dessas portas que vamos encontrar Rouault, na sua obra vasta e solitária. Ao mesmo tempo ela está dentro, pela fuga à aparência do real, pela expressão da cor e pela matéria rugosa, sulcada de tragédia, desses movimentos em que costumam enquadrá-la (o «expressionismo» e o «fauvismo») e é diferente e pessoal nas suas constantes chamadas de apelo a um transcendente poético e místico. E é já longe do academismo, servindo-se de novas técnicas e expressando a sua humaníssima concepção da vida que, desde o princípio do nosso século, o vemos expor nos salões de Outono e nas galerias uma série de pinturas de prostitutas, saltimbancos de feiras ou palhaços de circo, juizes e tribunais, os temas sociais de camponeses, trabalhadores, vida de família e retratos, de novo os temas religiosos.

Reconhecêmo-lo como a um amigo entre os outros artistas que trabalharam na decoração da Igreja de Amy, onde os tuberculosos vão pedir à «Notre Dame de la Souffrance» mais que o ar puro dos Alpes. Lá estão o Cristo Sentado, de mãos cruzadas, à espera de um sofrimento maior, Verónica com a imagem do Seu divino rosto doloroso milagrosamente impressa num pano branco, e ainda outros vitrais de carácter mais decorativo.

No vitral ou no óleo, como nas suas



ROUAULT — 1952



gravuras, encontramos sempre a unidade interior do artista num caminho de sofrimento, mas de imensa poesia. Quando e muita vez representa a noite, noites trágicas, sangrentas, rasgadas, aparece sempre a lua que nasce ou uma lua cheia, estranhamente avermelhada, mas que é luz. Vêmo-la por trás dos seus Cristos, iluminando os palhaços que, como Cristo, «estão sentados, de mãos cruzadas, à espera de um sofrimento maior», ou a

Virgem que foge para o Egipto.

Ainda, para acabar, uma nota sobre a humanidade das casas que compõem algumas das suas pinturas saídas do fundo imaginativo do seu coração, um pouco semelhantes às que pintou Chagall saídas do fundo da memória de sua infância... e deixo que vos fale melhor que eu a obra de Georges Rouault.

MARIA HELENA ELVAS

«o que acontece no caso das obras de arte é isto: elas são inacessíveis a certas bocas, e conseqüentemente, a certos estômagos. O indivíduo atônito que está diante de um quadro, não está a não ser no sentido puramente topográfico. O outro que tem na mão um livro aberto, não tem a poesia na mão. Está a léguas da poesia.»

São aqui diversas as distâncias a vencer; são outras as viagens, as aventuras, as provisões, os riscos, as canseiras, até chegar à ilha maravilhosa onde mora o artista. A poesia esteja onde estiver, na Arábia ou no Paraguai, é em si mesma boa se é comum, isto é, se tem suas raízes plantadas no mesmo jardim de delícias onde o homem nasceu. O génio do artista consiste em explorar as infinitas virtualidades do que é comunicável, e nisto consiste o seu senso do genuíno; mas não está adstrito ao que é de facto acessível, imediatamente acessível.»

Gustavo Corção — As Fronteiras da Técnica

autor de *Um*
deluzia

Alan Paton

A pouca confiança que temos nas nossas faculdades críticas, ou o receio de sermos surpreendidos pelo sorriso benevolente dos mais entendidos na matéria, levam-nos a usar de certa reserva na maneira como damos a conhecer os nossos gostos e preferências literárias. Por isso, me parece singularmente significativa a frequência com que, a propósito da obra de Alan Paton, se ouvem juízos categóricos e opiniões que não aceitam ser contestadas: uns, confessam, com simples espontaneidade, terem sido profundamente impressionados pela leitura; outros, vão mais longe e classificam as duas novelas de Paton entre as peças de literatura de ficção mais representativas do nosso tempo; e alguns não hesitam mesmo em afirmar que, de toda a imensa literatura que nos últimos 30 anos se tem escrito sobre África, nenhuma obra revela, tão claramente como

estas, o drama escondido que a alma africana está a viver...

Em qualquer dos casos, não é, certamente, a complexidade das situações e as questões ou dos problemas debatidos a razão do extraordinário eco que os referidos textos por toda a parte estão a encontrar. «Cry the Beloved Country» e «Too Late the Phalarope» são histórias simples: a história de um ministro protestante que vem da sua terra natal a Johannesburg à procura da irmã e do filho e os encontra inteiramente submergidos pelo ambiente de extrema miséria moral em que as circunstâncias os colocaram; e a história da trágica ruína que, em certa povoação indígena, cai sobre toda a família do mais considerado chefe branco, por este não ter sabido manter-se fiel à estricteza moral racista dessa sociedade.

Para além do enredo há, porém, uma

infinidade de perspectivas que, a todas as categorias de leitores, se abrem — os mais sensíveis aos aspectos literários e formais podem concentrar-se na análise da estrutura curiosíssima em que o A. enquadra cada uma das novelas; da linguagem a um tempo simples e eloquente que sempre usa; ou do estilo cheio de cadência e solenidade, estilo a que alguém chamou «bíblico», de «Too Late the Phalarope»... Os que preferem a análise psicológica têm à sua frente o campo imenso em que, mesmo nos mais insignificantes pormenores, o A. nos dá a conhecer a humanidade das suas personagens... E, para os que não querem dissecar, em aspectos particulares, a impressão global que a leitura lhes deixou, fica a tarefa, quase inesgotável, de explorarem, nas suas múltiplas implicações, o problema de fundo que as obras põem em «causa» — problema expresso na realidade trágicamente dolorosa, que é, na vida de todas as personagens, aquilo a que distantemente chamamos «problemas raciais».

O aprofundamento de uma destas, ou de qualquer das muitas vias de interpretação crítica, por quem nunca se debruçou a fundo sobre as obras, dificilmente escaparia à superficialidade, num artigo breve como é este. Consciente disso, não vou demorar-me aqui em reflexões pessoais sobre as novelas em si, mas seguir um caminho mais seguro e mais fácil: tentar explicar a obra pelo Autor. (Defendem muitos críticos modernos que este caminho se revela quase totalmente infecundo. Não julgo que isso aconteça, neste caso...).

A figura de Alan Paton não é talvez totalmente estranha à nossa imaginação. Com maior ou menor lucidez a leitura de «Cry the Beloved Country» ou de «Too Late the Phalarope» pode ter-nos feito adivinhar a personalidade de um A. simultaneamente enérgico e sensível, cheio de compreensão humana e de profunda solicitude para com os outros. Alguns dados biográficos podem ajudar a tornar mais autêntico e real esse retrato que a imaginação de alguns terá traçado difusamente. Aqui ficam eles:

Alan Paton nasceu em Janeiro de 1903, na província Sul-africana do Natal. Formado em Matemática e depois em Educação, foi durante alguns anos professor em Ixopo e, mais tarde, director do maior reformatório de Johannesburg onde desenvolveu uma acção educativa notabilíssima.

Durante a guerra de 39/45, visita instituições prisionais de vários países da Europa e da América e, de passagem, em São Francisco da Califórnia, escreve «Cry the Beloved Country», que é publicado em 1948.

De regresso a África, abandona o reformatório para mais livremente se poder empenhar na vida social e política do seu país. É então um dos fundadores da Associação Liberal da África do Sul, que cedo se torna um partido político e desenvolve, sobretudo através de artigos, uma intensiva campanha no sentido de conseguir a extensão a todos os homens civilizados dos direitos e responsabilidades na África do Sul. Em 1951 escreve, em Inglaterra, a sua segunda novela e em 1955 publica o seu

estudo mais completo sobre o seu país: «The Land and the People of South Africa». A par de todas estas actividades tem-se ocupado, nos últimos anos, de uma obra de recuperação de doentes indígenas.

Deste esboço biográfico pode, sem dúvida, tirar-se alguma luz, para uma compreensão mais funda do sentido da obra literária de Alan Paton.

É fácil pensar que a contribuição mais valiosa, ou mesmo a única, que este A. prestou à África do Sul, e à raça negra em geral, foi o ter escrito as duas novelas hoje traduzidas em quase todas as línguas ocidentais. Ele não parece, porém, concordar inteiramente com esta opinião. Para a sua consciência, a tarefa de escritor, não é a mais importante na sua vida: «It is my conscience that urges me to take some part in public life, whereas my inclinations urge me to write not articles but stories».

Esta fidelidade de Paton à sua consciência interior é talvez a razão mais

justificativa, embora uma das mais ignoradas, do sucesso das suas novelas. Vida e obra não são independentes neste autor. Sem os longos anos de auxílio próximo a milhares de negros reclusos, sem o esforço dispendido na luta por uma justiça que tantos procuram ignorar, sem o espírito de renúncia com que, ainda hoje, passa a maior parte do seu tempo no convívio com convalescentes negros, não seria possível ter-se cimentado todo o depósito de experiência humana que lhe permitiu, em viagens acidentais, escrever de um só fôlego «Cry the Beloved Country» e «Too Late the Phalarope».

Temos que agradecer a Paton o que, nestas duas novelas, nos fez conhecer de belo e verdadeiro. Mas temos que agradecer-lhe, sobretudo, o modo como sempre, ao longo da sua vida, em serviços obscuros ou actividades públicas, soube fecundar pela caridade o que escreveu.

T. S. C.

«Parou no meio da rua e disse sereno e solenemente ao companheiro:

— porque o branco tem poder, nós também queremos ser poderosos. Mas quando um homem de cor adquire poder, quando arranja dinheiro, torna-se um grande homem se não se corrompe. Tenho verificado isso inúmeras vezes. O preto procura poder e dinheiro para endireitar o que está torto, mas, quando os goza, goza o poder e o dinheiro. Pode então dar largas à cobiça, beber bebidas dos brancos, falar para milhares de pessoas à espera de aplausos. Muitos de nós pensamos que quando conquistarmos o poder nos vingaremos dos brancos que o detinham só para eles. Mas, porque o nosso desejo é defraudado, nós corromper-nos-emos e o poder não terá sentido. Mas muitos brancos não sabem estas verdades acerca do poder e têm medo que lho arrebatemos.

Falava como se estivesse pondo uma tese em discussão:

— Sim! É muito bom o poder. Mas há só uma coisa que dá o poder absoluto: é o amor. Porque quando um homem tem amor, não procura ter poder e, no entanto, é poderoso. Vejo só uma esperança para a nossa terra: é quando o branco e o preto, não desejando nem poder nem dinheiro, mas somente o bem da sua pátria, trabalharem juntos para ela».

Chora terra bem amada!, pág. 60)

25 anos de Acção Católica

Congratulamo-Nos, pois, com o feliz jubileu, que deve constituir uma hora de renovação, de esperança e de revigoração espiritual.

A Acção Católica é uma necessidade vital e meio providencial para a Igreja de hoje. Mas a renovação da ordem social cristã tem de ser uma obra de santificação. Na docilidade e submissão incondicionadas à Autoridade Eclesiástica, na sobrenaturalização da vida e no sentido de organização e de disciplina, os membros da Acção Católica hão-de encontrar a força e o estímulo para integrarem a sua vida em Cristo e darem assim testemunho do Evangelho, na colaboração no apostolado da Hierarquia.

mensagem de Sua Santidade
o Papa João XXIII

O Episcopado espera dos Assistentes e Dirigentes que tudo farão para que a Acção Católica seja escrupulosa na sua união de acção e de pensamento à Hierarquia; a Acção Católica só existe para cooperar na apostolado hierárquico e só tem mandato na medida em que lhe é fiel, sendo sempre necessário ter presente a regra de Santo Inácio de Antioquia que Pio XII repetiu: «Nihil sine Episcopo», nada senão com o Bispo: — cumpre-lhe, pois, dar exemplo de fidelidade e de disciplina nas missões apostólicas que esta lhe confiou.

discurso do Presidente da Junta
Central da A. C.

discurso do presidente da
Comissão de Estudos

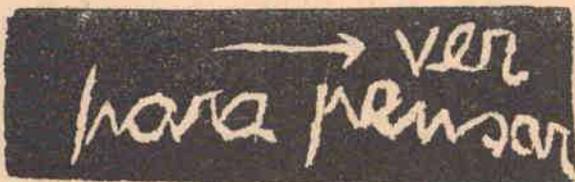
Dirijo-me agora aos *membros da Acção Católica dos meios intelectuais*. São os meios intelectuais, por educação e por profissão, os mais sensíveis aos ventos que sopram do espírito. Mas os membros da Acção Católica têm por graça e missão o ser antenas fiéis ao Espírito Santo, o Espírito de verdade e amor, que julga todos os outros espíritos. É este Espírito que anima e dirige a Igreja de Cristo. Os membros da Acção Católica, como os outros cristãos, ouvi-lo-ão tanto mais quanto mais intimamente estiverem unidos à Igreja.

Obediência aqui não significa anulação, mas conversão, mas superação, mas rectificação, mas dilatação, mas encontro. Quando se crê e ama, já não se fica parado, antes, como a Madalena junto do sepulcro, continua-se sempre a procurar; a procurar mesmo o que já se possui. Obedece-se, para ver, para compreender, para descobrir, para ter, para ser.

discurso de Sua Eminência, o Senhor
Cardeal Patriarca de Lisboa



Desta semana, é claro, ninguém espera que saiam resolvidos todos os problemas e aplanadas todas as dificuldades surgidas ao nosso apostolado. Mas esperamos que alguma contribuição valiosa venha a recolher-se para que a Acção Católica possa, de futuro, corresponder melhor à altíssima missão da Igreja que a Hierarquia lhe confiou. Que daqui saíamos mais unidos «num só coração e numa só alma». E que, mais do que qualquer coisa de acabado ou perfeito, esta 1.ª Semana Nacional de Estudos venha ser lembrada por aqueles que de novo aqui se reunam, talvez daqui a 25 anos, como um princípio fecundo de renovação do apostolado leigo em Portugal.



Futilidade

Se há coisa que provoque em mim uma sensação singular, é a futilidade. Sensação estranha, como se alguém, à minha roda, dessincronizado do movimento geral das pessoas e do mundo, laborasse, por lamentável equívoco, em confusão, de que mal se chegasse a aperceber. E, invariavelmente, apetece-me ir ter junto desse, e, sem que ninguém veja, dar-lhe uma pancadinha discreta no ombro (como fazemos, no eléctrico, ao senhor distraído que deixou, por lapso, o guarda-chuva pendurado no banco da frente) e dizer-lhe: «pois, então, não reparou...?».

A futilidade é assim uma distração. Simplesmente uma distração mais grave que a do senhor e do seu guarda-chuva. É uma distração tremenda do grande drama que se processa no mundo e dos grandes problemas que absorvem os homens. É uma evasão (conscientemente, semi-inconscientemente, inconscientemente?) da essencialidade das coisas em jogo; uma requintada passividade, quando quase tudo está por fazer e tarefas tão importantes e urgentes esperam pela nossa presença efectiva, requerem a nossa vigilância atenta.

Custa ver a futilidade. Mas custa vê-la sobretudo naquelas a quem uma vocação especial, de inteligência, devia ter consagrado à busca incansável e dura (tantas vezes!) da Verdade, e vinculado à descoberta do essencial em todas as situações e momentos. Nela (na universitária) a futilidade é mais que distração. É inversão triste do critério das importâncias. Raparigas, cuja vida está presa a mil nadadas, cujo estudo ocupa apenas o 5.º ou 6.º lugar na ordem das suas preocupações; para quem a «toilette» da Faculdade, ou a concordância entre o tom do vestido e o ângulo da boina absorve mais do que a coerência entre a afirmação da fé e a sua prática; para quem o problema de conseguir namoro se reveste de mais acuidade do que conseguir um equilíbrio de vida; para quem os bailes, os chás, os piqueniques, os «rendez-vous», têm a primazia sobre o estudo, o aprofundamento e estruturação de ideias, a discussão em base séria, o convívio fecundo.

A essas quantas, a quem um sentimentalismo docemente suave ainda embala, apetece-me dizer, ao ouvido, para que as penetrasse mais em segredo, aquilo que S. Paulo dizia a outros: acordai, que é tempo de despertar do sono. A hora que vivemos pertence aos violentos, aos que aguardam, vigilantes, prontos às grandes loucuras e às respostas desmedidas da generosidade. E apetece-se transmitir a cada uma um imenso convite ao combate.

M. E. L. A.

o desastre na muralha de D. Fernando

Já passaram semanas sobre o acontecimento. Os jornais já deixaram de nos apresentar em letras gordas e negras o número dos mortos ou a extensão do desmembramento. E nós, porque assim correram os dias e já ninguém nos fala do assunto, fechámos a janela donde tínhamos assistido ao espectáculo, talvez sinceramente chocadas, talvez com a alma do espectador distraído e distante. E agora que toda a gente disse «coitados!...», e que o acontecido foi colocado na prateleira das efemérides, o que ficou? Dor e luto no meio daquela gente paupérrima; mas que mais? Não sei se já repararam que a maior parte dos habitantes do Porto desconhecem totalmente os cancores da sua cidade, declarada invicta e dedicada à Virgem. É preciso um Padre Américo que grite bem alto misérias inconcebíveis; é preciso uma catástrofe terrível que mate gente; são precisos cabeçalhos nos jornais, encimando artigos de estilo discutível mas de conteúdo trágico, para que o cidadão balbucie, abismado, «que não sabia, que não sonhava sequer...» E depois tudo volta à mesma. E não haverá uma lição a colher, uma posição a tomar? Há quem afirme que a incuria e o desleixo estiveram na base do desastre. Não discutamos isso, agora. Detenhamo-nos sim diante da pobreza do cristão rico que desconhece os seus irmãos pobres. Se ele leu as reportagens nos jornais soltando suspiros de comiseração, se comentou o assunto no café, se mandou 50\$00 para as famílias das vítimas, sempre bem aconchegado nas dobras da sua segurança e da sua irresponsabilidade, esse cristão continua a desconhecer os seus irmãos e a sua Fé é como o sino que soa.

A Caridade é amor e o amor interessa-se, compromete-se, sofre, dá-se. O cristão -que-ama-o-próximo-como-a-si-mesmo talvez tenha reagido exteriormente duma maneira semelhante à do cristão-que-se-ama-a-si-mesmo-acima-de-tudo. Mas o primeiro sofreu com os que sofreram e ofereceu as suas angústias com as angústias deles. E soube guardar bem fundo a lição que os habitantes ignorados da zona minada dos Guindais ensinaram, ao morrer, aos bem instalados do país inteiro: a dívida de Justiça e Amor que temos para com os «económicamente débeis»; nós, que dizemos não seguir outra lei senão a do Deus que nos ensinou a amar e a fazer justiça.

Acordemos do nosso sono cor de rosa e vejamos toda a tremenda urgência da nossa responsabilidade, quer ela se concretize num renovar de ambiente de vida, mais sério, mais sóbrio, mais consciente, quer em soluções de aplicação imediata. Porque, ainda hoje, a Humanidade falha de amor repete a tremenda frase de Caím: «Acaso, sou eu o guarda do meu Irmão?» Mas nós, que sabemos que toda a Lei se encerra nesta palavra «amarás ao teu próximo como a ti mesmo», não temos o direito de fazer essa pergunta, nem de viver uma fé cristã talhada à medida do nosso egoísmo.

MARILIA FARINAS DE ALMEIDA

Fundação Cuidar o Futuro

Capa de DIOGO PIMENTEL

Composto e impresso na Tipografia Cerdim, Lda. — Cascais

Editado por ocasião do II Congresso do Apostolado dos Leigos, este volume reúne trabalhos dos católicos mais notáveis de todo o mundo. Nele figuram os nomes de Adenauer, Marga Klompe, La Pira, John Wu, Christophes Dawson, Karl Stern, Gustavo Corção, Bruce Marshall, Joseph Folliet, Gertrud Von le Fort, etc. Destinado a ser a resposta dos católicos ao mundo moderno, formula as grandes questões do nosso tempo — os problemas levantados pelo progresso da ciência e das técnicas, pelo encontro entre o oriente e o ocidente, pela comunidade supranacional em formação. Num último capítulo, juntam-se alguns testemunhos de homens que encontraram na Igreja a palavra de Esperança para a crise do nosso tempo, testemunhos que provam o que diz no prefácio Vitorino Veronese: «através de todas estas transformações revolucionárias, o homem fica o mesmo, e a crise nova não faz senão pôr em foco as tensões permanentes e sempre renovadas da vida cristã, suspensas entre o céu e a terra, sinal de contradição e de esperança» (M. M. S.).



SEDAS NUNES, Adérito — Princípio de doutrina social — colecção sociológica — ed. Soges — 1958

Com a profundidade habitual, o A. apresenta neste volume vários estudos sobre o Pensamento da Igreja acerca da problemática social contemporânea. Emancipando-se da visão clássica na matéria (enumeração de problemas e sua análise), o A. ocupa-se, sobretudo, da apreciação das estruturas sociais e dos regimes de organização da sociedade. Tal orientação confere, só por si, ao presente volume cunho de originalidade e verdadeiro interesse. Enriquece ainda a obra o facto de o A. recorrer constantemente aos textos pontifícios — de que faz largas citações, algumas pouco frequentes entre os autores — e fazê-lo, seguindo o método lógico de preferência ao cronológico mais habitual nos trabalhos desta índole conhecidos. Em apêndice, inclui-se uma bem elaborada bibliografia a que nem sequer falta a enumeração das principais revistas de estudos sociais publicadas nos países de língua francesa e inglesa. Como se afirma, na palavra autorizada do autor do prefácio: «Todos, clérigos e leigos, homens de teoria e de acção, a quem o pensamento da Igreja poderá porventura parecer disperso e de difícil acesso ou de pesada digestão, o estudem, meditem, contraprovem e incorporem na sua mente e na sua vida!» (M. M. S.).

CHESTERTON, Gilbert Keith, *The Ball and the Cross*, trad. fr. de Ch. Grolleau in col. «Intermède».

Romance alegórico publicado em 1910, constitui uma das obras primas do A., pelo carácter Chestertoniano puro que reveste, pela actualidade da história e pela pontaria certa com que nela alvejou a época, evitada de conformismos que a sua combatividade não podia sofrer. Somos introduzidos num mundo disparatado e absurdo, de peripécias mirabolantes de dois infatigáveis combatentes, que mantêm ininterrupta uma dialéctica sem outro fim que não seja defrontar em luta as ideias de sempre do A. e os critérios de uma sociedade que arvorara em sistema a evasão aos problemas cruciais do individuo e da vida. A esfera e a cruz, símbolos densos de significado, mais uma vez são utilizados pelo A. para dar expressão às duas atitudes em causa: a lógica e o bom-senso. Obra que vale a pena ler pela profunda verdade que comporta. (M. Emilia Lobo Alves).

SEDAS NUNES, Adérito — Princípio de doutrina social — colecção sociológica — ed. Soges — 1958

HOUANG, François — *Âme Chinoise et Christianisme*, Église Vivante, Casterman, 1957

Mais um estudo e, simultaneamente, um valiosíssimo testemunho pessoal sobre o tema, hoje tão debatido, da incarnação do cristianismo nos valores positivos das civilizações não ocidentais. Começa o A. por analisar a maneira como se sucederam no tempo as diversas correntes espirituais da China, para daí deduzir aquilo a que chama «as virtualidades cristãs» da alma chinesa. Os aspectos, em que concretiza a ideia de que a cultura milenária do seu país preparou de modo directo e próximo o advento da mensagem evangélica, são um apelo particularmente vivo à nossa consciência missionária. Mas são ainda mais, no pensamento do padre Houang, a nota de esperança a que se apoiam os católicos chineses durante o período doloroso que estão agora a viver. (T. S. C.).

CHESTERTON, Gilbert Keith, «**Ortodoxia**», Col. «**Filofia e Religião**», 259 pg.

Trata-se da obra mais conhecida e, segundo a opinião de muitos fundamental do A., em que ele tenta sistematizar as linhas de pensamento que mais exactamente definem a sua concepção do universo. Escrita 14 anos antes da sua adesão oficial à fé católica, é contudo obra de um espírito genuinamente cristão. Comparando-se ao marinheiro inglês que após aventuras fantásticas, içara triunfante a sua bandeira de aventureiro, não em terras desconhecidas mas em sua própria pátria, Chesterton, que à maneira do seu século quisera também ser original, enveredando por caminhos de heterodoxia, vem a descobrir, com estupefacção, ser ele afinal o retardatário, e ser já velha de mil e oitocentos anos o que julgava ser uma concepção do universo absolutamente inédita. O seu desperperado romance encontra pois, na teologia cristã, o mais palpitante dos remates. Escrita com aquela exuberância, arrebatamento e humor que são peculiares ao A., a obra deixa-nos a impressão de uma inexplorável libertação da trivialidade das coisas por uma visão dos valores mais altos e transcendentis. (M. Emilia Lobo Alves).



VOILLAUME, R. — **Au coeur des masses (la vie religieuse des petits frères du Père de Foucauld)** — Rencontres — ed. du Cerf — 1957 (2.^a ed.)

Reunem-se na presente obra, escritos vários do Padre Voillaume, superior dos Petits Frères du Père de Foucauld. Redigidas com carácter de circunstância, estas cartas, mensagens, conferências revelam, por isso mesmo, um cunho fraterno que imediatamente faz transportar o leitor à intimidade das fraternidades e o convida a mergulhar na sua espiritualidade. O apóstolo leigo ganhará sobremaneira com a leitura desta obra, porquanto encontrará nela algumas ideias mestras: desejo da união a Cristo, do amor de todos os homens, em especial dos mais pobres; o valor da renúncia e da pobreza; o empenho ardente de transpôr o Evangelho para a Vida. «A vocação do Padre Foucauld é imitar Cristo na sua vida escondida; a do apóstolo é de O imitar na sua vida pública. É o amor do Senhor que move um e outro e a espiritualidade do P.^o Foucauld é de tal modo simples, prende-se de tal forma ao essencial que convém a um como a outro». (pref.) (M. M. S.).

MOELLER, Charles — **Sagesse Gregue et Paradoxe Chrétien** — Ed. Casterman — 1950. 2.^a edição

Dedicado «A Ceux Qui Cherchent», este livro tem o interesse da matéria abrangida (literatura dos Antigos e literatura dos Modernos) e o interesse do tom desafectado e fraternal em que é escrito. De entre os Antigos, foca sobretudo os gregos Homero, Sófocles, Euripedes; de entre os Modernos, sobretudo Dante, Shakespeare, Destoiewsky. Analisando desassombreada e eruditamente os vários aspectos do conceito de humanismo nos autores que Deus quis que vissem antes da Revelação de Cristo e nos que viveram já influenciados (ainda que inconscientemente) pelo Cristianismo, o A. chama a nossa atenção para a diferença radical entre a serena mas triste resignação dos gregos e a alegria cristã que, por Amor, supera o Pecado, o Sofrimento e a Morte. Estes três últimos constituem o tema base das três partes em que está dividida a obra, sendo cada uma delas subdividida num capítulo para os vários aspectos do problema na literatura dos Antigos e noutro para os aspectos do mesmo problema nas obras dos Modernos. A Caridade impregna todo este livro, utilíssimo a quem quiser ter uma ideia da Antiguidade e valiosíssimo para todos os que dele se abeirem com um mínimo de boa vontade, dispostos a aceitar, se não a Beleza e a Verdade do humanismo cristão, pelo menos a fraternal amizade do Autor. (Natália Hasse Fernandes).

La paix internationale — Des enseignements pontificaux — Desclée & C.^{ie} — 1956

Organizado pelos monges beneditinos de Solesme, esta colecção de textos pontificios contém tudo o que os Papas, desde 1743 a 1955, disseram acerca da paz entre as nações. Trata-se de obra de mérito e real utilidade prática já em razão do rigor posto na selecção dos textos já pelo critério de arrumação das matérias. O quadro lógico que acompanha os textos dá uma visão rápida das principais questões postas à Igreja neste domínio e fornece, bem assim, uma iniciação fácil a quem desejar conhecer o assunto mais profundamente. (M. M. S.).